

O QUE PODE UMA COISINHA? O ACONTECIMENTO DE LINGUAGENS VISUAIS E PERFORMATIVAS NA FESTA ELETRÔNICA

AMANDA MARTINS DE ABREU¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – martinsdeabreuamanda@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A introdução desta proposta de pesquisa encontra assento nos tensionamentos entre a performance e a performatividade da arte/do artista no movimento underground. Sobretudo a partir da análise da minha produção como artista, nesse movimento em Pelotas-RS, em especial a festa eletrônica "coisinha", bem como por outras experimentações artísticas performativas desenvolvidas por mim, tais como instalações, performances, visuais e gráficos. Compreendo que nesses espaços de acontecimentos, do cenário da música eletrônica, se sobrepõem linguagens, se entrelaçam processos criativos e se produzem desejos e subjetividades acerca da experiência em arte

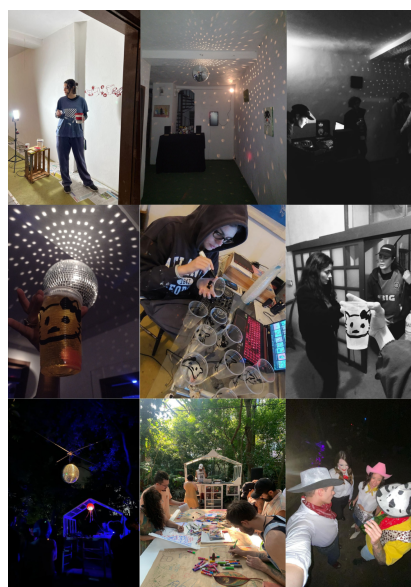
2. METODOLOGIA

Me interessa dar segmento na pesquisa no campo das Artes Visuais, em especial a linha de Poéticas Visuais, a qual investiga os processos de criação e as poéticas do cotidiano, o que considero dialogar diretamente com meu trabalho através de uma metodologia mais atualizada/recorrente com os modos de produção de arte contemporânea. Nesse sentido me contempla o pensamento dos hibridismos de conhecimentos e processos artísticos, assim, trago para essa conversa acerca do referencial teórico e metodológico as ideias de Sandra Rey, principalmente as apresentadas no texto “ A colocação do problema: Arte como processo híbrido” que instiga a pensar os multi suportes, diferentes modos e diferentes processos de formação e criação. Conforme a autora (2022, p.126), “É nessa borda, entre procedimentos diversos transpassados por significações em formação e deslocamentos, que se instaura a pesquisa. Fazendo vizinhança ao pensamento de Sandra Rey, está o pensamento de Ricardo Basbaum, em seu livro “Manual do artista etc”, onde ele aborda as complexidades dos processos do artista nos sistemas de arte, seus modos e formas de ser artista. Pretendo

perspectivar minha pesquisa por estes referenciais que acredito estarem em consonância com a maneira que pratico meu trabalho enquanto artista e pesquisadora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante minha atuação na Relva, que também foi um espaço de moradia, tive a oportunidade de experimentar e desfrutar das possibilidades desse encontro entre a arte e a música eletrônica, ainda que numa “existência mínima” (LAPOUJADE, 2017) disso. Aqui irei tratar da experiência da Coisinha, foco deste projeto. Comecei informalmente, sem grandes pretensões, com a produção dos convites para que as pessoas chegassem à Coisinha, informando que estaria com o ateliê aberto, obras e processos à mostra, com line-up que corresponde à curadoria de djs que irão tocar, e inscrições abertas para quem quisesse levar seu pen drive e mixar suas músicas. Funcionando quase como um clube semi secreto. Muitas vezes, por causa do fluxo de pessoas, acabava fazendo alguns manejos espaciais com as coisas de trabalho, esvaziando um pouco a sala que era utilizada para exposição e composição de trabalhos, deixando apenas alguns quadros e objetos cênicos. Montava o bar dentro do meu ateliê, este seguia sem muitas mudanças, para que pudessem acompanhar o processo de alguns trabalhos e, também, impulsionar algumas trocas.



Registros de Acontecimentos e Atividades da Coisinha na Relva Cultural

4. CONCLUSÕES

Este trabalho é o objeto de pesquisa que procuro desenvolver no mestrado, aprofundando o conhecimento nas relações que tenciono entre as artes visuais e performativas e a música eletrônica. Ao longo da pesquisa, além de realizar mais edições da “Coisinha” também pretendo elaborar um documentário gráfico sobre esse movimento e seus desdobramentos aqui na cidade de Pelotas. Considero que a inovação que o projeto Coisinha traz ao movimento cultural de nossa cidade, é além da diversidade real de corpos dissidentes realizadores do evento, a união de uma comunidade que vê na festa um movimento de identidade e produção de subjetividades, conduzir e pensar uma festa como um dispositivo de arte é inovar em pensar uma festa e a proposição de encontros em relação a uma possibilidade de arte propositiva e relacional. Trabalhar este espaço para que a arte ultrapasse a categoria de alegoria em um evento e se estabeleça enquanto experiência coletiva, ativada nesse espaço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro (organizado):

- BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

Capítulo de livro:

- REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). *O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

Artigo de revista científica:

- BERNARDO, Gabriel Vargas; SILVA, Mariana Gonçalves da. Narrando o rolê: encantamentos das festas de rua fazendo ferver a urbe. *ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 10, n. 24, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/15669>. Acesso em: 23 out. 2024.

Artigo em anais de evento:

- BASBAUM, Ricardo. Quem é que vê nossos trabalhos?. *Seminários Internacionais Museu da Vale do Rio Doce*, 2009.

Livro:

- BASBAUM, Ricardo. *Manual do artista-etc.* Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013.

Livro traduzido:

- LAPOUJADE, David. *As existências mínimas.* São Paulo: n-1 edições, 2017.

Entrevista em vídeo:

- LIMA, Dani. O que pode o corpo? In: MOSÉ, Viviane (org.). *Café Filosófico.* 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d8kSSGX1Ufw>. Acesso em: 23 out. 2024.